



PORNOGRAFIA E A INTERNET: UMA PERSPECTIVA PSICANÁLITICA

Lucas Campos de Andrade
Renan Tadeu Bornancin
Dulce Mara Gaio

Resumo

O presente artigo tem como objetivo realizar uma reflexão e discussão sobre o papel da pornografia na sociedade e as consequências da produção e consumo deste conteúdo sob uma visão psicanalítica. A contradição, aspecto fundamental da neurose, a perversão e o complexo relacionamento eu-outro foram explorados na tentativa de encontrar um limite entre um consumo saudável de pornografia e um consumo vicioso e alienante que colabora com a violência de gênero. A partir disso, identificar e traçar um possível limite entre um consumo saudável de pornografia e um consumo vicioso e alienante. O trabalho foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica de artigos científicos e matérias jornalísticas relacionadas ao tema.

Palavras-chave: Pornografia; Psicanálise; Linguagem; Violência; Internet; Conexões Virtuais.

Abstract

The present article has as its objective a reflection and discussion about the role of pornography in society and the consequences of its production and consumption from a psychoanalytic perspective. The contradiction, a fundamental aspect of neurosis, perversion, and the complex relationship self-other were explored in the attempt of finding the limit between a healthy porn consumption and an addicting level of consumption as well as gender violence. From this, identify and draw a possible boundary between a healthy consumption of pornography and a vicious and alienating consumption. The article was based on bibliographical research of scientific articles and news articles related to the theme.

Keywords: Pornography; Psychoanalysis; Language; Violence; Inthetnet; Virtual Conections.

INTRODUÇÃO

A nova realidade da expansão exponencial de conexões virtuais na última década criou mudanças consideráveis no consumo de pornografia, transformou a indústria pornográfica e impactou a relação dos usuários com a pornografia. A internet gerou um compartilhamento de informação nunca visto anteriormente, criando comunidades virtuais em seus mais diversos modos.

A internet produziu, assim, a maior interatividade entre os usuários, tornando possível que os consumidores de pornografia troquem informações entre si e possam identificar gêneros, estilos e gostos, fazendo com que compartilhem suas preferências e permitindo o encontro de fantasias (NETO, CECCARELLI, 2015, p. 19).

Segundo dados de uma pesquisa feita pelo Quantas Pesquisas e Estudos de Mercado a pedido do canal a cabo Sexy Hot, cerca de 76% do público que consome pornografia no Brasil hoje é composto por homens. A indústria que assegura este mercado é bilionária e conquistou o gosto dos públicos mais variados, devido à diversidade dos materiais publicados e a facilidade na produção de conteúdo pornográfico com advento das novas tecnologias. “Como não é mais necessária uma *expertise* para utilizar os programas, e a tecnologia se tornou cada vez mais móvel, qualquer pessoa é um produtor em potencial” (NETO; CECCARELLI, 2015, p. 19).

Há ainda um enquadramento da indústria pornográfica que se filia à lógica do comportamento do consumidor, que precisa ser consistente em seu hábito de acessar os sites e garantir a quantia de acessos que será usada para atrair publicidade e assim gerar lucro. Uma maneira de manter a consistência do hábito é a promessa de novos conteúdos sendo publicados diariamente, visto que as produções amadoras estão cada vez mais frequentes, o que provoca ainda mais a busca por excitação dos usuários. Segundo Cecarelli (2011) “[...], tudo aquilo cuja única função é promover excitação torna-se facilmente enfadonho, o que leva à busca de novas ‘pornografias’ para apoiar a ‘nova’ excitação que surgirá (a pulsão é uma força constante)” (*apud* NETO; CECCARELLI, 2015, p. 17).

Em suma, o ambiente virtual fornece uma maneira prática de conexão entre pessoas que consomem estes conteúdos, criando nichos específicos que são abastecidos diariamente com novos e inovadores conteúdos, sendo essa interatividade um aspecto importante que sustenta esta indústria. Outro aspecto relevante diz respeito ao anonimato que é utilizado por usuários de sites que publicam esses conteúdos, como no site *pornhub*, onde os usuários podem criar seu perfil sem ter a necessidade de ter verificada sua identidade, assim permitindo que publiquem e interajam sem serem reconhecidos (VEIGA, 2015). O anonimato confere maior fluidez identitária, permitindo que os usuários construam uma personalidade diferente da sua, explorando fantasias e *fetiches*, assim o site se torna mais atrativo e possibilita uma maior gama de interações com teor sexual entre os usuários (VEIGA, 2015).

Tendo em vista este cenário, considera-se fundamental um aprofundamento no entendimento deste fenômeno, principalmente no que diz respeito à violência de gênero e ao consumo destes materiais por crianças e adolescentes. Destarte, o objetivo deste artigo é realizar uma reflexão e discussão sobre o papel da pornografia na sociedade sob a perspectiva da psicanálise, analisar as consequências da produção e do consumo deste conteúdo e sua relação com a violência de gênero. A partir disso, identificar e traçar um possível limite entre um consumo saudável de pornografia e um consumo vicioso e alienante.

MATERIAL E MÉTODO

No presente artigo foi realizada uma pesquisa exploratória de cunho qualitativo com elaboração de revisão bibliográfica de artigos e artigos científicos, tendo como meios de pesquisa as revistas acadêmicas e científicas disponíveis online, websites de notícias e portais de informação reconhecidos, reunindo e comparando os diferentes dados encontrados nas fontes que foram consultadas e listando os principais papéis e consequências que a pornografia tem na sociedade sob uma visão psicanalítica.

RESULTADOS E DISCUSSÕES OU REVISÃO DE LITERATURA

Pornografia é linguagem

A pornografia gravada abrange um espectro de linguagem audiovisual, que constitui direta ou indiretamente uma linguagem que intenta contra a realidade, ou seja, uma ação direcionada a algo.

Esta nova perspectiva foi calcada no entendimento de que a linguagem não é um fenômeno abstrato, isolado, independente na sua existência, mas, ao contrário, é algo completamente indissociável e dependente da realidade, isto significa dizer que a linguagem é histórica, contextualizada e cultural (DIAS, 2016, p. 4).

Dessa forma, a pornografia se constitui de forma que, enquanto linguagem, reproduz experiências subjetivas, que são formadoras de cultura, ou seja, de uma historicidade humana. Para entendê-la será necessário observar os contextos culturais e históricos que sustentam sua reprodução. Essa perspectiva nos possibilita enxergá-la enquanto manifestação das subjetividades dos indivíduos que permeiam este território linguístico ao longo do tempo. Além disso, se faz necessário observar o que pretende ser comunicado, visto que uma linguagem se estabelece com um fim, de forma intencional, se direcionando para a realidade concreta, do subjetivo para o objetivo. Nesse sentido, a linguagem pornográfica busca ir ao encontro do real, mas um real hipotético, de forma a estabelecer um campo fértil para a projeção das fantasias dos seus espectadores (VEIGA, 2015).

Apesar da diversidade de conteúdos apresentados em sites pornográficos, podemos constatar que a maior parte dos vídeos “em alta” (aqueles que estão com maiores índices de visualizações e *likes*) seguem um perfil específico de narrativa que geralmente posiciona a mulher enquanto objeto de prazer do homem, num estado de subordinação e violência. Desejar a extinção da pornografia parece não ser o melhor cenário, mas podemos aprofundar nossa perspectiva sobre o tipo de material que está sendo produzido e que tipo de realidade ele intenta realizar.

Se fosse a pornografia meramente descritiva, não haveria que se falar em efeitos, pois a simples reprodução fiel de algo que existe não seria mais que uma constatação verdadeira. No entanto, muito pelo contrário, os materiais pornográficos são linguagem parcial, carregada de ideologia, carga política e objetivos favoráveis à manutenção de uma determinada estrutura de poder (DIAS, 2016, p. 5).

Dias (2016) torna mais lúcido o aspecto de linguagem da pornografia e seus perigos, quando afirma que a linguagem performática usada nestes materiais cria uma realidade prejudicial, estabelecendo uma conexão entre a excitação e o estupro, humilhação, tortura etc. causados às mulheres.

Pornografia e a violência de gênero

De acordo com Escoffier (2020), uma das principais visões sobre pornografia atualmente é como uma indústria masculina que reprime a mulher. A pornografia é um produto e todo o processo é apenas um empreendimento econômico. Escoffier (2020) citando MacKinnon e Dworking (1998) explica que a pornografia é um condicionamento primitivo, com imagens e palavras como estímulos sexuais, onde a mensagem da pornografia é para o homem “pegar” a mulher, o que fala diretamente ao pênis, entregue por ereção e despejado nas mulheres do mundo real. A pornografia nada mais é do que uma construção orientada para o homem, que facilita a violência sexual. Em outras palavras, a pornografia leva à perversão.

A maior parte dos homens entra em contato com a pornografia antes da sua puberdade, ainda na infância. A introdução de pornografia precocemente na vida de jovens vem sendo apontada como uma grande causa de distúrbios sexuais, como afirma DIAS (2016, p. 14):

A linguagem pornográfica, em sua maioria, inclui nas suas representações comportamentos maléficos, negativos, e ativa o desenvolvimento da apreensão sexual das pessoas, o que pode levar ao vício por sexo.

Ao considerar a pornografia como referência de sexualidade, o espectro sexual é capaz de ser fortemente condicionado para uma instância que se afasta das experiências espontâneas que a criança e adolescente poderia fazer no descobrimento de sua própria sexualidade. A pornografia, da maneira que é introduzida, acaba por intoxicar a maneira de entendimento das relações, tanto sexuais como afetivas, visto que o conteúdo apresentado pretende equiparar ou representar uma realidade afetiva e sexual, mas o faz de maneira distorcida e repercute um padrão de comportamento violento. Esse padrão atinge principalmente as mulheres: a subordinação utilizada pela pornografia no processo de opressão das mulheres e criação de desigualdade acaba por silenciar o discurso de suas vítimas (DIAS, 2016).

O impacto do consumo da pornografia não se refere tão somente ao espectro individual, apesar de constataremos na pesquisa muitos efeitos contrários ao bem-estar das pessoas, vinculados ao consumo de pornografia, bem como distúrbios psicológicos. Este impacto é alimentado e atinge de maneira imponente o aspecto sociocultural, como mostra DIAS (2016, p. 13):

A pornografia violenta/tradicional trabalha a favor da normalização de comportamentos agressivos dirigidos às mulheres, por meio do condicionamento negativo/antissocial do prazer dos homens e dos seus comportamentos.

Também se faz necessário considerar que a pornografia consumida é produzida, dirigida e entregue por homens, em geral heterossexuais. A produção deste material atende às necessidades de um público específico, o que revela as dinâmicas socioculturais que se estabelecem através deste padrão.

Defino pornografia heterossexual como um material criado para homens heterossexuais que combina sexo e/ou a exposição de genitais com o abuso e a degradação das mulheres de tal modo que pareça apoiar, aprovar ou encorajar esse comportamento [...] (Russel, 2000, citado por Wilkin, 2004, p. 349, tradução nossa, *apud* PINTO; NOGUEIRA; OLIVEIRA, 2010).

Reflexões Psicanalíticas sobre a pornografia

Afinal qual é a posição do desejo entre a produção e o consumo da pornografia? Como conciliar a experiência do prazer com o complicado campo do visual que a pornografia representa? Quem ou o que são os sujeitos e objetos de desejo no campo visual da pornografia? Que tipo de leituras psicanalíticas são possíveis materiais pornográficos? Como as categorias psicanalíticas como perda, carência, luto, melancolia, apego, trauma e fetiche, entre outros, informam a interpelação pornográfica tanto no produtor quanto no espectador?

Neto e Ceccarelli (2015) afirmam que “a pornografia em nossa sociedade é estigmatizada como algo moralmente condenável (sujo e obsceno) [...]”. Sendo assim, a pornografia age como uma porta segura e longe do alcance do olhar da supervisão moral proporcionando um direcionamento de uma excitação recalcada. Como forma de cumprimento destas pulsões, a pornografia assume seu papel e redireciona diversos jovens que poderiam ter suas sexualidades potencialmente reprimidas, mas encontram na pornografia uma forma de viver estes desejos, realizar suas fantasias e atingir uma possível liberdade sexual em suas vidas.

Neto e Ceccarelli (2015) argumentam que, na perspectiva da psicanálise, é possível inferir que, ao exhibir o amplo espectro em que a sexualidade é expressada, até suas formas mais perversas, a pornografia expõe ao observador suas próprias fantasias mais recalcadas. Nesse sentido, a experiência pornográfica e masturbatória implicaria em direção a um orgasmo solitário e fantasioso, podendo-se considerá-la como advinda de certa autonomia do indivíduo em busca da realização de suas fantasias, ou ainda de aprofundamento na relação com suas zonas erógenas. Nessas considerações, Freud (1905) ainda chama a atenção para o fato de a fantasia portar um

paradoxo: gera prazer, mas é também repugnante. Dito de outro modo: na fantasia o prazer está articulado ao desprazer (CARREIRA, 2009). Além disso, a pornografia provocaria um forte estímulo sexual, que na maioria das vezes é imediatamente reprimido/recalcado, dando margem ao aparecimento de formações reativas: a repugnância e o asco. Neto e Ceccarelli (2015) citam Freud (1905) quando descrevem que a sexualidade humana é composta de pulsões parciais e perversas, podendo ser orais, anais, voyeuristas, exibicionistas, sádicas, masoquistas e várias outras desejadas para que a tensão diminua. Em cada ser existe um potencial para realizar atos pornográficos quanto para ser seduzido por eles.

Considerando o desenvolvimento sexual infantil descrito por Freud (1905/1980) acerca da relação estabelecida entre prazer e desprazer, entre a lactante e o bebê e posteriormente ao descobrimento do prazer regido pelas zonas erógenas, pode-se considerar ainda certa relação simbólica entre o consumo de pornografia e o desenvolvimento sexual infantil. A pornografia, enquanto linguagem, intenta para a realização de um orgasmo simulado, um ápice de prazer que poderia ser acompanhado pela masturbação do espectador, que remontaria à aspectos significativos do desenvolvimento sexual infantil do indivíduo onde os conteúdos da infância, no campo da amnésia infantil, latentes no inconsciente, encontram, através do deslocamento, um espelho fértil, pela possibilidade de experimentar a perversão de forma anônima e privada, sem correr o risco de repressão externa (FREUD, 1905/1980). Nesse sentido, torna-se necessário considerar que temas mais acessados pelos consumidores de pornografia, como no site *pornhub*, costumam envolver fantasia de incesto, violência e estupro, temáticas carregadas de contrariedades, aspecto típico da neurose, como afirma Carreira (2009) [...] a fantasia é estruturante na neurose, mas se apresenta ao neurótico como cena difusa e paradoxal.

Brekelmans (2014) citando Freud explica que pornografia é escopofilia, é a obtenção do prazer sexual ao olhar para corpos nus, fotografias eróticas ou outros objetos eróticos. Existem dois tipos diferentes dessa escopofilia, uma variedade ativa considerada masculina e uma passiva considerada feminina. Na

psicanálise clássica, a escopofilia é considerada uma das perversões primárias. Para Vanderwees (2019) existem implicações do prazer paranoico e da pornografia nas culturas digitais contemporâneas. Se as novas tecnologias de mídia não apenas interpelam temas desejosos pela via do voyeurismo, assistindo, perseguindo e olhando uns para os outros, Vanderwees (2019) afirma que os sujeitos também vivem com a ansiedade de serem espiados, talvez especialmente quando envolvidos em atos privados, como o consumo de pornografia online. O autor sugere que o espectador contemporâneo de pornografia online pode ser mais bem situado como uma extensão midiaticizada do homem de Sartre olhando pelo buraco da fechadura, em que o prazer escopofílico é sustentado por ansiedades em torno do voyeurismo do outro, a objetificação vergonhosa e narcisista de si mesmo. Aqui, o autor argumenta que a pornografia online frequentemente retrata, incentiva e exige que o gozo do sujeito seja derivado da interação entre fantasias de olhar e ser olhado através dos buracos da fechadura da tecnologia.

Para Brekelmans (2014) o ato de utilizar da pornografia é um tipo de atividade paradoxal, simultaneamente objetifica o olhar do sujeito como objeto, como também a visão do sujeito se transforma em uma resposta física, a excitação. Brekelmans (2011) citando Melendez (2004) diz que o corpo se torna não apenas uma extensão do meio, mas também se torna parte da própria experiência central, o corpo é movido a despeito de si mesmo. A atividade de assistir pornografia começa com um olhar sobre o objeto que vemos na tela, mas isso é rapidamente revertido pela presença do corpo em frente à tela. Nós vemos e experimentamos, através do outro, nosso eu mais quintessencial.

Para Escoffier (2020) na psicanálise há um jogo conturbado constante entre o outro e o self em ação, por meio de supressão e repressão. Uma vez que o outro é estranho à parte consciente do self, seu diálogo é sempre de alguma forma problemático. As implicações que acompanham a dicotomia eu-outro são igualmente intrincadas. Escoffier (2020) pontua que essas questões estão ligadas à experiência da pornografia de forma embaraçada, o indivíduo se aliena de si mesmo e ao mesmo tempo é lembrado de sua alteridade interior. Ao

consumir pornografia o indivíduo se sente contaminado, sujo, como se seus desejos ocultos tivessem sido expostos nus diante de seus olhos. Escoffier (2020) afirma que é possível argumentar que a pornografia em sua essência é a de *Das Unheimliche*, é uma experiência que torna visível algo que deveria permanecer oculto. Reprimimos dentro de nós aquilo que nos assusta ou nos envergonha e o projetamos no outro, a quem depois tememos ou repugnamos, por essa exata experiência estranha que seu ser provoca, reconhecemos no outro nós mesmos. O inconsciente dentro de nós é o que perturba a sensação de estar em casa (*heimlich*) e assim nos faz experimentar o *unheimlichkeit* alienante.

CONCLUSÃO OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisas realizadas colaboram para a compreensão de que a contradição, aspecto fundamental da neurose, não poderia deixar de ser considerada, até mesmo na tentativa de encontrar um limite entre um consumo saudável de pornografia e um consumo vicioso e alienante que colabora com a violência de gênero. Encontrar na pornografia uma maneira de experienciar o desejo original reprimido, pode ser, em muitos casos, uma forma de o indivíduo conhecer mais a respeito de si, sem a tensão que geralmente o acompanha no mundo, com o risco da interferência externa, do sentimento de culpa, do olhar do outro. Esse campo favorece uma experimentação do prazer do próprio corpo, mesmo que na maior parte dos casos, as narrativas entregam uma história em que há sempre um lado que é agredido, violentado para que o outro tenha prazer, a contradição elementar, entre amor e ódio, prazer e desprazer, pai e mãe. Essa narrativa entrega uma perspectiva já construída, sem necessidade de que o indivíduo coloque algo de si, que crie, que invente, que se arrisque. Um refúgio dicotômico da repressão, porque protege e aliena, e por alienar também o ameaça. Dessa forma, tornar-se consciente de que o consumo de pornografia possui esse aspecto de ameaça à liberdade do ser, ao mesmo tempo que pode ser uma janela para a mesma, possibilita uma decisão mais ampla, porque não há chances de atingir os verdadeiros potenciais do ser se este permanecer saciando seus desejos e fantasias com a pornografia. É preciso dar um passo rumo ao mundo, atirar-se no desconhecido, articular com as contradições e conhecer a si, afinal, este não é, senão o maior, desejo da espécie humana?

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. Obras completas em português. Organizado pelo MEC, 2010.

VEIGA, Maria Júlia Alencastro. Etnografia do Pornhub: uma análise sobre representações de gênero na pornografia. 2015. 73 f., il. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais), Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/10378/1/2015_MariaJuliaAlencastroVeiga.pdf>. Acesso em: 09 de ago. 2022.

BAUMEL, Cynthia Perovano Camargo et al. *Atitudes de Jovens frente à Pornografia e suas Consequências*. Psico-USF, Campinas, v. 24, n. 1, p. 131-144, Jan. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psuf/a/Jpt5TYJSjkDbV5ckSDyvxhG/?lang=pt>. Acesso em: 14 de set. 2020. <<https://doi.org/10.1590/1413-82712019240111>>.

BREKELMANS, Roos (2014) *Playing with Oneself in Front of the Other / The Dark Side of Representation: Perversion, Pornography and Psychoanalysis* Disponível em: <https://roosdesnaeck.wordpress.com/2014/03/04/playing-with-oneself-in-front-of-the-other-the-dark-side-of-representation-perversion-pornography-and-psychoanalysis/>. Acesso em: 10 de set. 2021.

BREKALMANS, Roos, *Between a Rock and a Rock-Hard Place: How and Why Video Pornography Turns Us On*, 2011. Disponível em: <<https://roosdesnaeck.wordpress.com/2011/05/02/between-a-rock-and-a-rock-hard-place-how-and-why-video-pornography-turns-us-on/>>. Acesso em: 10 de set. 2021.

CARREIRA, Alessandra Fernandes. Algumas considerações sobre a fantasia em Freud e Lacan. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 157-171, jun. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772009000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 17 set. 2021.

DIAS, Carolina Bouchardet. Impactos da pornografia na saúde dos adolescentes: uma análise a partir dos direitos fundamentais. **Departamento de direito, PUC-Rio**, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccpg/pibic/relatorio_resumo2016/relatorios_pdf/ccs/DIR/DIR-Carolina_Dias.pdf>. Acesso em: 15 de out. 2020.

ESCOFFIER, Jeffrey, *Every Detail Counts: Robert Stoller, Perversion, and the Production of Pornography*. Psychoanalysis and History 2020 Volume 22 Issue 1, Page 35-52, ISSN 1460-8235 Disponível em: <<https://www.euppublishing.com/doi/full/10.3366/pah.2020.0324>>. Acesso em: 05 de set. 2021.

GABBI JR., Osmyr Faria. *Sobre o uso da linguagem na psicanálise*. Ide (São Paulo), São Paulo, v. 30, n. 45, p. 109-114, dez. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062007000200014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 de nov. 2021.

NETO, Alberto Ribeiro; CECCARELLI, Paulo Roberto. *Internet e pornografia: notas psicanalíticas sobre os devaneios eróticos na rede mundial de dados digitais*. Reverso, Belo Horizonte, v. 37, n. 70, p. 15-22, jun. 2015. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952015000200002&lng=pt&nrm=iso> . Acesso em: 10 set. 2021.

PADILHA NETTO, Ney Klier; CARDOSO, Marta Rezende. *A adicção sexual nas fronteiras da perversão*. Rev. latinoam. psicopatol. Fundam., São Paulo, v. 20, n. 4, p. 705-727, Oct. 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rpfa/a/n7XXFBZGYvYhvswLdSKcNm/?lang=pt>>. Acesso em: 14 de set. 2020. <<https://doi.org/10.1590/1415-4714.2017v20n4p705.6>>.

Pinto, Pedro, Nogueira, Maria da Conceição e Oliveira, João Manuel de Debates feministas sobre pornografia heteronormativa: estéticas e ideologias da sexualização. Psicologia: Reflexão e Crítica [online]. 2010, v. 23, n. 2, pp. 374-383. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-79722010000200020>>. Epub 15 Set 2010. ISSN 1678-7153. <<https://doi.org/10.1590/S0102-79722010000200020>>. Acesso em: 15 de set. 2020.

VANDERWEES, Chirs, *Paranoid pleasure: surveillance, online pornography, and scopophilia*, Porn Studies, 6:1, 23-37, 2019, Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/345477920_Paranoid_pleasure_surveillance_and_online_pornography_and_scopophilia> Acesso em: 05 de set. 2021 DOI: 10.1080/23268743.2018.1559084

MURARO, Cauê. *22 milhões de brasileiros assumem consumir pornografia e 76% são homens diz pesquisa*. G1, Rio de Janeiro, 17 de maio de 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/22-milhoes-de-brasileiros-assumem-consumir-pornografia-e-76-sao-homens-diz-pesquisa.ghtml>>. Acesso em: 20 de out. 2020

RIVIERE, J. *Civilization and Its Discontents*. The Hogarth Press. Disponível em: <http://bradleymurray.ca>. Acesso em: 20 de out. 2020.